

“CINEMA: EXPERIMENTAR, CONHECER, REALIZAR”- AÇÕES DE CINECLUBISMO

Tânia Cristina Medeiros Cardoso

E. M. Prof.^a Márcia F. Pereira - tania.crist@yahoo.com.br

Marilete Boy Oliveira

E. M. Prof.^a Márcia F. Pereira - elher_boy@yahoo.com.br

No artigo “O resgate do Cineclubismo” publicado na Revista da Cultura (publicação da Livraria Cultura), Gustavo Jönck define cineclubes como:

...uma organização de pessoas com o objetivo comum de assistir e discutir obras cinematográficas. A prática, que existe no Brasil há 80 anos, comemorados em 2008, teve um papel muito importante na formação dos grandes cineastas e estudiosos do assunto. Depois de um período em esquecimento, que durou cerca de 15 anos – desde o fechamento, em 1989, do Conselho Nacional de Cinema (CNC) até a sua reabertura em 2004 -, os cineclubes voltaram a florescer nos últimos anos e novamente começam a cumprir seu papel de formar público de cinema em um país em que grande parte da população sequer tem a experiência de ver películas em salas escuras. (p. 30)

Com o intuito de promover encontros que possibilitassem assistir e conversar coletivamente sobre filmes que dificilmente podem ser vistos no circuito comercial, o Projeto “Cinema: experimentar, conhecer, realizar” iniciou a implementação de ações de Cineclubismo na Escola Municipal Prof.^a Márcia Francesconi Pereira, município de Cabo Frio/RJ.

O cinema proporciona horizontalidade

na relação entre professor e aluno, uma vez que docentes e discentes se colocam no mesmo patamar para apreciar o filme. O professor assume o papel de “passador”, como sugere Bergala, em que aproximações e distanciamentos entre um e outro são invisíveis, em que o professor acompanha quem aprende “correndo o mesmo risco”.

O ponto de partida para essas ações

foi a criação do “Cine Sábado Cult”, em 2014. A proposta da atividade era realizar a curadoria para as sessões pensando na presença voluntária dos alunos participantes do Projeto, convite esse extensivo aos familiares e amigos e parceria com um ou dois professores regentes acompanhados de suas turmas. Os objetivos eram de criar o hábito de frequentar filmes, implementar a análise crítica e criativa das obras, dando voz ativa aos alunos. Os estudantes que frequentaram às sessões trouxeram um retorno positivo através de depoimentos, destacando a atividade como um grande incentivo para assistirem filmes. Merece atenção ressaltar as sessões como ponto de encontro que permitiu a todos estarem disponíveis para apreciar a narrativa, se envolverem com as imagens e se socializarem. Esse estar junto se fez importante, como declarou uma aluna: “...encontrei amigos aqui” ou através de um aluno que veio acompanhado do pai que havia chegado da Bahia para visitá-lo, uma visita que ocorria anualmente e a escolha para o reencontro foi participar da sessão fílmica em um sábado frio e chuvoso. Os convidados, geralmente integrantes da família, são referenciados como presenças importantes nas sessões: “...eu trouxe minha mãe para a exibição do filme, ela adorou. Já tinha assistido ao filme, mas queria assistir de novo pois queria lembrar”.

Os debates ampliaram as percepções

sobre o filme através da divisão das impressões sobre a obra, o que contribuiu para a construção de um coletivo de várias opiniões com um crescente envolvimento da plateia na discussão a cada nova sessão.

Vale ressaltar, que há dificuldades de acesso a filmes alternativos em Cabo Frio, realidade semelhante de outras cidades do território brasileiro. Até o ano de 2013, o município contava apenas com duas salas comerciais de exibição no Cine Recreio. Em 2014, com a inauguração do Shopping Park Lagos, esse número dobrou. No entanto, a programação privilegia a exibição de filmes que fazem parte do circuito hegemônico de distribuição. Ao apresentar filmes que raramente assistiriam no circuito comercial das salas de cinema de nosso município, essa ação criou inúmeras possibilidades para alunos, professores e comunidade, dentre elas, apreciar e discutir obras cinematográficas que ampliaram o repertório e gosto pelo Cinema.

No ano de 2015, as ações passam a ocorrer no horário normal das aulas. A participação em convocatórias para inscrição da UE como ponto de exibição de Mostras, Circuitos e Festivais permitiu o acesso a conteúdos audiovisuais alternativos e de excelência, favorecendo a construção de acervo audiovisual para UE. As parcerias junto aos professores e suas turmas tiveram continuidade sendo extensivas

à comunidade. Essas sessões são autorizadas, gratuitas e abertas ao público.

No comparativo abaixo pode-se acompanhar a evolução das ações de cineclubismo na UE.

MOSTRAS E FESTIVAIS COMO PONTO EXIBIDOR 2014/2015/2016

Mostras/Festivais	Número de Sessões realizadas			Público Geral		
	2014	2015	2016	2014	2015	2016
Mostra de Cinema e Direitos Humanos	---	8	6	---	242	314
Sessão Pipoca TV Escola	---	3	---	---	142	---
Festival do Minuto	5	14	8	110	483	453
Última Sessão do filme Delírios de um cinemanáico	---	1		---	39	---
Mostra de Filmes MADrE	1	4	---	31	208	---
Mostra Filmes Livres	---	1	1	---	19	33
Circuito Tela Verde	13	24	5	593	739	168
I Mostra Márcia de Cinema	---	18	---	---	603	---
Circuito Mexicano de Filmes	---	---	1	---	---	35
Circuito Comunitário – Cinema Petrobrás em Movimento	---	---	9	---	---	304
Festival Visões Periféricas 2016 – Mostra Fronteiras Imaginárias	---	---	1	---	---	25
A Batalha do Passinho – O Filme	---	---	1	---	---	62

As sessões da 9ª Mostra Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul em 2015 mesclou horários alternativos além das que foram realizadas no horário das aulas em parceria com os professores, porém o público

foi reduzido. Essa constatação levou a decisão da realização total das sessões em horário de funcionamento da Escola. Importante também chamar atenção para realização da Sessão Pipoca TV Escola cujo público foi composto

de alunos do Ensino Fundamental I oriundos de uma escola próxima da UE e mobilizou os alunos da oficina na organização. Para a Mostra Fronteiras Imaginárias do Festival Visões Periféricas 2016, a professora de Língua Portuguesa desenvolveu uma atividade a posteriori envolvendo uma turma de 8º ano com a realização de um fórum de discussão. Propôs-se um rodízio com a formação de grupos que ficaram responsáveis pela análise dos filmes exibidos e os outros alunos, na plateia, poderiam fazer perguntas e expressar sua análise particular durante a apresentação dos colegas, enriquecendo a discussão. Os alunos assumiram o papel de debatedores e gostaram muito da dinâmica, solicitando a mestra que realizasse atividades semelhantes mais vezes.

As primeiras atividades de 2017 foram realizadas com a exibição, seguida de debate, de documentários de cunho político, social e cultural, o que ocasionou certo desconforto devido à complexidade dos temas abordados: “#Resistência”, Eliza Capai, 55 min, 2017; “No Olho da Rua”, Paulo Pentead, 64 min, 2016; “Diário da Greve”, Guilherme Sarmiento, 76min, 2016 e “Danado de Bom”, Deby Brennand, 74min, 2017. Esse olhar vem ao encontro do que Migliorin e Fresquet (2015), afirmam: “O cinema não é o lugar de coisas belas, apenas, mas também do feio, do insuportável, do estranhamento, do perturbador.” (p.12). As variadas

temáticas levantadas nas discussões a partir dos filmes ultrapassam as quatro paredes da sala de aula e envolvem diretamente os alunos, que tem a liberdade para se expressarem, o que torna a iniciativa de primordial importância na construção de uma visão crítica de ver e dizer o mundo.

A I e II “Mostra Márcia de Cinema” foi montada exclusivamente por curtas de alunos participantes da oficina de realização do Projeto, para valorar o protagonismo dos nossos cineastas mirins. A primeira edição ocorreu em 2015 e a segunda, julho de 2017. Essa iniciativa é primordial para que professores, funcionários das diversas funções na escola, família e outros alunos se apropriem do que é desenvolvido, afinal não se pode dar valor ao que não se conhece. São momentos especiais para os educandos, após a Mostra recebem o certificado de participação na oficina e podem falar de suas produções.




Figura 1 Alunos exibindo certificado de participação da oficina de realização do Projeto - 2017

Além da participação como ponto exibidor de Mostras, Festivais e Circuitos e realização das Mostras Márcia de Cinema, a UE firma parcerias com plataformas de compartilhamento de filmes, como Videocamp e Taturana Mobilização Social, que disponibilizam obras transformadoras e impactantes. Fato que possibilita o contato com maior quantidade e variedade de filmes para curadoria e permite a realização de sessões na UE, o que promove a discussão de variadas temáticas que envolvem a complexidade do mundo que vivemos. Nem sempre o que é visto é belo, mas necessário para refletirmos sobre a realidade que faz parte da existência humana.

O acesso a essas obras cinematográficas e a organização das sessões seguidas de debate vem de encontro ao cumprimento da Lei 13.006/2014, que resultou do Projeto de Lei (PL 185/08) proposto por Cristovam Buarque, que altera o parágrafo 26 da LDB (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm) e torna obrigatória a exibição de pelo menos duas horas de filmes brasileiros por mês nas escolas da educação básica como referência para pensar a presença do cinema e audiovisual nacional nos educandários, levando-se em consideração que muitas vezes o cinema de nosso país é estrangeiro para sua própria gente.

...cerca de 80% dos filmes exibidos no Brasil,

seja nos cinemas, em rede de TV aberta e/ou por assinatura e em home-vídeo são estrangeiros, especialmente, estadunidenses – o que produz uma colonização cultural já denunciada na década de 1960 por Glauber Rocha, um dos ícones do Cinema Novo Brasileiro –, e considerando o papel fundamental da educação na formação cultural de seus discentes, torna-se essencial a capacitação de professores para o uso educativo do Cinema Brasileiro. (Apresentação do livro “Cinema Brasileiro na Escola: pra começo de conversa”, p. 8)

Essa realidade não é exclusiva do Brasil, uma vez que “... em cada dez ingressos vendidos no planeta Terra, nove entradas são para assistir a filmes ‘made in USA’, à exceção de Índia, França, Coréia e Irã, países que estimulam e priorizam a produção nacional.” (DAYER, 2013, p. 14). Dessa forma, a implementação do cineclubismo na Escola, além de permitir discutir e aprofundar o que vem da tela, contribui para formação de público para o cinema nacional o que amplia a diversidade cultural. 

REFERÊNCIAS

- BERGALA, A. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink – CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- DAYER, C. P. Apostila Oficina de Formação Cineclubista. Campo Grande: I SEMACINE, 2013. 54p.
- FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. (2015) Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas, 13(14), 04-21.
- JÖNCK, G. O resgate do cineclubismo. Revista da Cultura. n. 20, março, 2009.
- SIRINO, S. P. M.; PINHEIRO, F. L. F. Cinema Brasileiro na Escola: pra começo de conversa. 1ª. ed. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, 2014. v. 01. 248p.